

Indústria têxtil, movimento operário e a questão das greves na cidade de Sorocaba

Jefferson Carriello do Carmo¹

Resumo: No contexto, demarcados entre os anos de 1914 a 1919, há registros de vários movimentos de greve no Brasil. Em Sorocaba ocorre em 1914 dos ferroviários em 1910 da fábrica de tecelagem Santa Rosália e em 1917 a greve geral. O objetivo desse estudo, tendo como referência a indústria têxtil e a organização da classe trabalhadora sorocabana do início do século XX, é investigar as greves nesse período, as reivindicações presentes nesse movimento e a luta política e social instaurada nesse contexto.

Palavras chaves: formação operária; condições de trabalho, reivindicações operárias

Abstract: In the context, demarcated between the years of 1914 the 1919, have registers of some movements of strike in Brazil. In Sorocaba it occurs in 1914 of the railroad workers in 1910 of the weaving plant Rosália Saint and in 1917 the general strike. The objective of this study, having as reference the textile industry and the organization of the sorocabana diligent classroom of the beginning of century XX, is to investigate the strikes in this period, the claims gifts in this movement and the fight restored social politics and in this context.

Words keys: laborer formation, work conditions, laboring claims

O processo da industrialização têxtil em Sorocaba

O início do processo de industrialização têxtil, em Sorocaba, contou com o apoio governamental de proteção à indústria, que desde 1882 ajudou na inauguração da primeira fábrica em Sorocaba a Fábrica de Tecidos Nossa Senhora da Ponte.

No dia 24 de outubro de 1890, o *Diario de Sorocaba* noticia a futura instalação de outra indústria na cidade, a Companhia Industrial Santa Rosália e no dia 01 de novembro de 1890, o mesmo jornal faz a descrição do capital investido e seus acionistas da Companhia Industrial Santa Rosália. Essa fábrica destinava-se a fiar e tecer algodão possuía 30.168 fusos, 625 teares e 60 cardas, mais ainda não atende à crescente exportação para os Estados Unidos. Trabalhava 840 operários de ambos dos sexos, que produziam mensalmente 100.000 metros de algodãozinho, consumindo nesse espaço de tempo 80.000 quilos de algodão, quase todo cultivado no município. Para o cumprimento desse trabalho havia uma seção especial de máquina de descaroçamento na própria fábrica, tornando-a uma das mais modernas.

¹*Doutor, docente e pesquisador na Universidade de Sorocaba.

No ano de 1890, o Banco União de São Paulo, sob a presidência do senador Antonio Lacerda Franco, comprou em Sorocaba a fazenda Cachoeira de Votorantim por 110:000\$000 (cento e dez contos de réis), que marcou o início de uma nova etapa industrial em Sorocaba com a construção de uma estamperia destinada a tingir o tecido que seria importado cru da Inglaterra. Essa aquisição proporcionou a construção da estrada férrea para o transporte do pessoal encarregado das edificações, dos materiais e equipamentos, em 1893.

No ano de 1904, com a estamperia de chitas, houve a ampliação das atividades de fiação e tecelagem, que já contavam com 14.000 fusos e 624 teares, interrompendo suas atividades em 1917, com a falência do Banco União. Com a falência do Banco esse acervo industrial foi comprado por um grupo de sorocabanos e, no ano de 1918, já anunciada, pela primeira vez, a Sociedade Anônima Indústrias Votorantim.

Segundo Almeida (1951) em 1909, foi fundada a S. A. Estamperia e a última grande indústria têxtil fundada, nesse período, foi a Fabrica de tecelagem Santo Antonio. Há registros que na cidade de Sorocaba o crescimento industrial no período que remonta às primeiras indústrias têxteis possuía no ano de 1917 bem mais de oito dezenas (WERNECK, 1914: 237). Todas elas já estavam sendo desenvolvidas na ótica capitalista da relação entre capital e trabalho.

No cerne desse processo há transformações profundas na ordem social na passagem da base manufatureira para a industrialização, em que se verifica a “estreiteza” técnica, quando esta tem como base os seres humanos. No caso de Sorocaba, o crescimento industrial ocorreu através de fatores múltiplos, como: o investimento financeiro de vários industriais visionários, organização da classe operária, anteriormente obscurecida pela escravidão, aspectos geográficos e a imigração.

A condição operaria em Sorocaba

Em Sorocaba, o jornal *O Operário*, de cunho socialista e anarquista, cuja missão era “defender a legião dos oprimidos que constitui o elemento primordial do progresso e conseqüentemente o da riqueza universal”² (*O Operário*, Anno II, nº 79, 09/04/1911, p. 1) não se arriscava em desmentir o progresso representado pela indústria. Sobre a fábrica de tecidos Nossa Senhora da Ponte, a primeira do gênero em Sorocaba, não restavam dúvidas que por ser pioneira, havia dado “um passo gigantesco na senda do progresso da nossa terra” (*O Operário*, Anno II, nº 72, 19/02/1911, p.2).

² Nesta, assim, como nas demais citações dos Almanques e jornais, optou-se por não atualizar a ortografia encontrada nos originais.

Com o lema do progresso, as fábricas impunham um ritmo de trabalho, em que as jornadas de trabalho de 12, 13, 14 e até 15 horas diárias como no caso das fábricas Santa Maria, Santa Rosália e Fonseca. Em alguns casos, o chamado “serão” era estendido até a madrugada. Entre outras coisas, essas jornadas de trabalho muito longas impediam que os menores em serviço freqüentassem as escolas noturnas (O Operário, Anno I, nº 6, 02/10/1909, p. 2).

Outro aspecto denunciado pelo jornal eram os castigos corporais, aos menores, realizados pelos contramestres e fiscais das seções da Fábrica N.S.da Ponte (O Operário, Anno I, nº 13, 12/12/1909, p. 2). O trabalho menor também era utilizado nas fábricas, porém combatido e denunciado. Nas longas jornadas de trabalho existia a má alimentação, o cansaço em demasia dos pequenos operários de 10 e 12 anos, que trabalhavam como ajudantes dos operários principais, causando-lhes diversos acidentes, algumas vezes graves. (O Operário, Anno II, nº 44, 24/07/1910, p. 2)

O grande perigo dos acidentes espreitava os menores no trabalho a exploração do trabalho não pago e as longas jornadas que lhes eram impostas, impediam-nos de serem crianças de freqüentar as escolas noturnas, fazendo com que muitas vezes crescerem semi-analfabetos.

Em resumo, na gênese da implantação da indústria, em Sorocaba, a formação da classe operária caracteriza-se pelas relações entre capital e trabalho em que as relações com os meios de produção estabelecem a obrigatoriedade da venda do único bem que operário possui a força de trabalho. É exatamente durante esse exercício cotidiano que se desenvolvem algumas das mais (senão a mais) importante contradição das relações sociais - as relações contraditórias do trabalho.

As greves em Sorocaba

As greves em Sorocaba datadas nos anos de 1910, 1914 e 1917 estão configuradas com o crescimento industrial, com a condição e organização operária local e do país e com as crises socioeconômicas provenientes desse contexto.

A greve dos tecelões da fábrica Santa Rosália, dos proprietários Oetterer e Speers & Companhia iniciou-se na manhã do dia 10 de março de 1910 tendo a duração de apenas um dia. Os motivos pelos quais houve essa paralisação foram a insatisfação dos “operarios tecelões, (...) com o misero salario que é pago por aquella fabrica, e ainda mais com o exhaustivo numero de horas de trabalho” (O Operario Anno I, nº 27, 20/03/1910, p. 2). O

procedimento, primeiro dos operários para obter melhor salário e melhores condições de trabalho foi criar uma comissão composta de três operários um brasileiro, um italiano e um espanhol. Ao dirigirem-se para as negociações não foram atendidos pelo patronato que declararam categoricamente que não iriam atender a nenhuma das reivindicações exigidas. Isso conhecido na secção de tecelagem “tomaram a resolução, todos os operários, de abandonarem o trabalho e declaram-se em greve pacífica” (*O Operário*, Anno, I, nº 27, 20/03/1910, p.2).

O patronato ao tomar conhecimento da paralisação e dos nomes dos operários que estavam encabeçando a greve e de outros trabalhadores ordenou o pagamento do salário dos respectivos e também de outros que não quisessem mais continuar no trabalho, sendo “um número de setenta, pouco mais ou menos e que tinham o prazo de 2 horas, e o mais tarde de 24 horas para que desocupassem os prédios em que habitavam nos terrenos da fábrica, o que foi feito sem resistência” (*O Operário*, Anno, I, nº 27, 20/03/1910, p.2). Sendo acompanhada pela policia essa greve durou um dia sem maiores incidentes, não tendo apoio dos operários do importante estabelecimento fabril, havendo apenas um pequeno numero de solidários.

No dia 8 de agosto de 1914 é noticiada pelo *Jornal Cruzeiro do Sul* a reunião dos industriais e comerciantes na Câmara Municipal de Sorocaba para debaterem sobre a crise que assolava todo o país e que estava afetando Sorocaba. Nessa reunião foram tomadas várias resoluções que se impõe na atual emergência, procurando-se todo meio de salvaguardar os interesses do comércio e da indústria sem sacrificar a enorme massa de operários que constitui grande parte da população.

Após a reunião é publicado pelo *Jornal O Cruzeiro do Sul* a noticia “A crise” em que foram salientados alguns pontos que evidenciavam os motivos da crise e a situação dos trabalhadores. Frank Speers, diretor da fábrica Santa Rosália discursou sobre os problemas enfatizando: “(...) com situação, o meio mais fácil seria o fechamento immediato de todas as fabricas, o que resultaria o abandono sem pão, de milhares de operários” (*Cruzeiro do Sul*. Anno XV, nº 3341 08/08/1914, p. 2).

Em seguida a esse pronunciamento tomou a palavra Joaquim Soares Fernandes diretor gerente da fabrica Nossa Senhora da Ponte. Após algumas considerações sobre a atual situação em que estava passando a cidade lembrou uma medida bem simples que garantia tanto o operariado como o fornecedor. “(...) a emissão de bilhetes, por conta da empresas industriaes, dando direito ao fornecimento, até a normalização da vida econômica de gêneros de primeira necessidade. Esses bilhetes serão garantidos pelos industriaes” (*Cruzeiro do Sul*. Anno XV, nº 3341 08/08/1914, p. 2).

Essa proposta foi aceita por todos, em seguida, organizou-se uma lista dos comerciantes que se dispuseram fornecer o necessário ao operariado, mediante a troca dos bilhetes, aceitos por vários comerciantes.

Neste mesmo ano 1914 final de outubro os ferroviários, não contentes com a situação que estava passando Sorocaba entraram em greve. Através de um boletim, assinado pela União dos Ferroviários de 9 de outubro de 1914 e destruído entre eles foi anunciado os motivos da greve. Sendo o pagamento dos salários de junho a volta das 10h de serviços diários e as horas acrescidas pagas como extra e mais duas folgas por mês remuneradas. Junto a esta informação havia uma recomendação e um ultimato “o companheiro que não for leal, será sentenciado pelos outros” e se a volta desses direitos não fosse atendida até o dia 25 do mês entrariam em greve novamente. Esse foi um período, em que a estrada de Ferro Sorocaba tinha sido arrendada para o grupo *Soutem Brazil Railway*. (apud, ARAUJO NETO, 2005)

Em Sorocaba o número de grevistas ferroviários contava por volta dos cem operários. Relata o delegado de polícia que ação destes, foi paralisar alguns trens de passageiros por falta de maquinistas desconectaram as máquinas das composições e encaminharam para os seus depósitos o que resultou num descontentamento dos passageiros que foram obrigados a desembarcar gerando insatisfação contra a empresa.

Essa greve durou até o dia 28, em que as reivindicações foram aceitas, com exceção do retorno dos ferroviários que foram dispensados por um corte anterior a paralisação. Com a ajuda do deputado estadual Campos Vergueiro junto ao governo do Estado houve vitória dos grevistas.

A greve que teve maior repercussão em Sorocaba foi a geral de 1917 descrita pelo Jornal *Cruzeiro do Sul*, em detalhes, com a manchete, *A greve nesta cidade*. Como nas demais paralisações essa obteve proporção nacional e trouxe dentre outras reivindicações o “aumento de salário”. Um número estimado de 10 mil operários paralisou sendo apoiados pelos trabalhadores do comércio, que fecharam suas portas e a interrupção dos bondes.

Participaram desse movimento os operários da fábrica de Tecidos Nossa Senhora da Ponte, que “influenciaram” os da fábrica Santo Antônio.

Para o Jornal o *Cruzeiro do Sul* o anúncio de greve por parte dos operários não era “surpresa”, já que a situação dos trabalhadores em Sorocaba era semelhante aos da capital.

O encarecimento rápido e crescente dos generos de primeira necessidade e o decrescimo de salarios, realizado em alguns estabelecimentos concorreram, além de outros motivos de ordem secundaria, para levar os operarios à greve. De facto, não era possível que as coisas continuassem no pé em que estavam. A miséria negra e horrivel ameaçava centenas de lares.

*Ao trabalho exaustivo de horas excessivas, não correspondia uma alimentação generosa e bôa, pois a começar do pão, todos os artigos subiram muito o preço e os operarios eram coagidos a reduzir ainda mais o seu parco “menu”.
Os operarios em parede pacifica procuram nem mais nem menos do que conseguir um pequeno augmento de salario.
Foi para esse fim que se declarou A GREVE. (Cruzeiro do Sul, Anno XV, nº 3347, 17/07/1917, p. 01)*

Embora os primeiros operários a iniciar a greve em Sorocaba foram os da fábrica de Tecidos Nossa Senhora da Ponte que tiveram dificuldades para “convidar” e conclamar os operários da Fábrica Santo Antonio. Foram necessários entendimentos, pois estes haviam recebido uma gratificação em 25% em seus ordenados e a promessa de melhorá-los ainda mais, mas acabaram estes por aderir ao movimento em consideração aos colegas.

Após percorrem as Oficinas da Sorocabana encaminharam-se para as Fábrica de Chapéus Souza Pereira para a Fábrica de Tecidos Santa Rosália para Fábrica Santa Maria, que já haviam tido aumento de salário, mas concordaram a paralisação em solidariedade e espírito de união. Conforme noticia do *Cruzeiro do Sul* do dia 17 de julho de 1917, a Fábrica de Estamparias São Paulo, a fábrica de Arreios de Ferreira & Cia, Fábrica de Calçados Soares, Fábrica de Tecidos Votorantim e a Fábrica de Calçados também aderiram a greve o que revela que dia-a-dia mais fábricas vão aderindo a paralisação.

Há registros pelo jornal *Cruzeiro do Sul* que a policia da cidade recorreu às forças da capital a fim de controlar e reprimir o movimento, ocorrendo atos de violência aos grevistas que se estendiam numerosamente com muita rapidez, na cidade.

*A força policial vinda da capital teve ordens de dispensar uma aglomeração de populares que, desde cedo, estacionava na praça Cel. Fernando Prestes.
Intimou, pois, por três vezes, o povo que se dispersasse. Como não fosse attendida e não tivessem os operarios licença para realizar o comicio em que fallava o sr. Bandoni – a policia fez uso dos espadins, chegando mesmo a cometer excessos lamentaveis e ferindo pessoas de representação da nossa sociedade que nada tinham com a greve e se achavam misturadas por curiosidade com os operarios. O dr. Alonso Negreiros (delegado) sabedor desse facto lamentou-o muito e promptificou-se a dar explicações aos queixosos. (Cruzeiro do Sul, Anno XV, nº 3347, 17/07/1917, p. 01)*

Com medo que a greve em Sorocaba tomasse os mesmos rumos da cidade de São Paulo os industriais decidiram conceder alguns beneficios aos operários anunciados no Jornal *Cruzeiro do Sul*:

*O que resolveram os industriaes:
Como dissemos os industriaes daqui subscreveram as resoluções tomadas pelos da capital com o fim de dar uma solução à greve que agitou São Paulo a acta de reunião dos nossos industriaes.
“Os industriaes de Sorocaba abaixo-assignados, reunidos hoje nesta cidade resolveram fazer aos seus operarios as mesmas concessões feitas ao operariado da capital pelos industriaes dalli e que são as seguintes:
a – augmento de 20% sobre os salarios em geral*

b – não dispensar do serviço qualquer operario que tenha tomado parte da presente greve

c – respeitar “in totum” o direito de associação dos seus operarios

d – effectuar o pagamento dos salarios dentro da primeira quinzena que se seguira do mez vencido

e – acompanhar com a maxima boa vontade as iniciativas que forem tomadas no sentido de melhorar condições moraes, materiaes e economicas do operariado de Sorocaba

Estas condições serão postas imediatamente em vigor, desde que os operarios recomecem amanhã seu trabalho”

Sorocaba, 16 de julho de 1917

Os industriaes (Cruzeiro do Sul, Anno XV, nº 3347, 17/07/1917, p. 02)

Essas decisões colaboraram para que uma grande quantidade de operários voltasse para o trabalho, o que diminuiu a intensidade da greve. Essa volta foi incentivada pelo delegado de polícia de Sorocaba, que sempre apoiou a forma como os industriais estavam conduzindo o movimento.

Ao povo

Em reunião os industriaes desta localidade resolveram adaptar as concessões do operariado da capital, hoje publicadas pelos jornaes

A policia esta preparada para garantir as pessoas a propriedade e o trabalho da população ordeira de Sorocaba, bem assim para agir no caso de qualquer excesso por parte dos elementos perturbadores da ordem pública contando com a calma e prudencia de todos os habitantes desta culta cidade

Sorocaba, 16 de julho de 1917

Alfredo de Lima Camargo

Delegado de Policia. (Cruzeiro do Sul, Anno XV, nº 3347, 17/07/1917, p. 02)

Constata-se que após essa reunião não houve um retorno total dos grevistas para as fábricas gerando várias ameaças a estes que insistiam em manter a greve. Essa persistência resultou em uma nova reunião dos industriais que tomaram as seguintes decisões:

Em virtude da má vontade dos Srs. operários em recomecer o trabalho, esta fábrica fechará por tempo indeterminado.

Entretanto, se os Srs. operários apresentarem-se nos portões amanhã às 7 e meia horas, como prometeram, reabriremos o estabelecimento. (Cruzeiro do Sul, Anno XV, nº 3348, 18/07/1917, p. 02)

Na imprensa local há outros registros que advertem os não conformados com a situação. “Os operários mais esclarecidos que convençam disso os colegas (voltar ao trabalho), porque se prejudicados estão sendo os patrões, muito mais o serão os que vivem do produto do seu labor cotidiano e têm esposas e filhos a reclamar o seu apoio”.

Considerações finais

Verificou-se, sumariamente, que com o processo de industrialização em Sorocaba, no início do século XX, trouxe para a cidade homens de negócios visionários cuja preocupação era investir no local, com a ajuda e proteção do governo. A emissão de recursos financeiros e outros propiciaram o crescimento industrial ocasionando novas condições de

trabalho para a classe trabalhadora: longas jornadas das atividades fabris, incerteza do dia de pagamento dos salários, condições insalubres, mão-de-obra de mulheres e crianças em condições deploráveis, indiferença, e desobrigação das indústrias em atender as vítimas de acidente de trabalho e aqueles que adquiriram doenças próprias das condições insalubres.

Com o crescimento industrial forma e organiza a classe operária por imigrantes que trazem do velho continente as idéias anarquistas, socialistas e anarcossindicalistas para o meio operário e incentivam a luta de classe e a conquista dos seus direitos. Na busca dessa conquista estava presente, na intenção de greve: a redução da jornada de trabalho, as melhores condições de trabalho, e melhores salários dentre outras.

Verificou que para algumas lideranças a greve não visava só conquistas sociais, mas fazer revolução. No jornal *O Operário* de 18 de setembro de 1910 há uma orientação dos procedimentos de greve em que deveriam ser momentos de preparação para a insurreição através de ações diretas num contexto de evolução econômica em que torna mais acerbado o conflito entre os trabalhadores e os patrões. Havia a preocupação de desenvolver a consciência do conflito, no qual os revolucionários tiravam vantagens.

Referências

ARAÚJO NETO, Adalberto Coutinho de. **Sorocaba operária**: ensaio sobre o início do movimento operário em Sorocaba 1897-1920. Sorocaba, SP: LINC, 2005.

ALMEIDA, Aluísio de. **História de Sorocaba – 1822- 1889**. Sorocaba, SP: Gráfica Guarani, 1951.

WERNECK, Braulio (org.). **Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914**. Sorocaba: Typografia Werneck, 1914.

Fontes primárias – Jornais e Revistas

O Operário (1909-1913);

Diário de Sorocaba, (1880 - 1893);

Cruzeiro do Sul, (consultados 1914 e 1917).